

CARTA À EDITORA

SOBRE CAMINHOS E DESCAMINHOS - O PROCESSO NÃO LINEAR DE UMA PESQUISA

Recebido em: 22/006/2020

Aceito em: 29/06/2020

Embora, durante a pesquisa de campo, não soubesse o que estava fazendo, e tampouco o porquê, surpreendo-me hoje com a clareza das minhas escolhas metodológicas de então, tudo se passou como se tivesse tentando fazer da “participação” um instrumento de conhecimento (FAVRET-SAADA, 2005, p. 157)

Prezada Editora

Venho por meio desta carta falar-te um pouco sobre os caminhos que me levaram ao desenho “final” da minha pesquisa de graduação em Ciências Sociais – habilitação em Antropologia. Refletir sobre os processos de pesquisa, sobre nossas escolhas e nossas empreitadas, mesmo depois de “finalizar” uma monografia, por exemplo, é fundamental para entender como se deu e como se dá um processo de pesquisa. Contudo, antes de prosseguir, faço um apelo, cara Editora: não estranhe as aspas, elas estarão presentes ao longo de minha carta. Isto porque não acredito que uma pesquisa, um desenho ou um projeto tenham em si um fim; até mesmo a mais final das versões finais, quando relidas atentamente, são passíveis de mudança e continuação. Espero que meu relato possa sanar inquietações de outrem, que já me foram – e ainda são – tão caras.

Em agosto de 2018 apresentei, no Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade de Brasília (UnB), sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos, minha monografia de graduação, intitulada “As alteridades querem vozes: o

uso de plantas medicinais em um contexto espírita”. Antes de ocupar o lugar de pesquisadora, eu lia os títulos e trabalhos de colegas e não imaginava o quanto o processo de pesquisa, a delimitação temática e todas as minúcias que envolvem um trabalho de campo tendiam mais ao caos que ao equilíbrio. Porque isso, na maioria das vezes, não nos é dito, mas deveria. A escolha por um tema pode perpassar questões pessoais; o seu projeto de pesquisa pode sofrer alterações e enveredar por uma linha que não condizia com suas expectativas; um tema que inicialmente te fazia feliz, pode acabar gerando insatisfação. Minha experiência me mostrou isso e é sobre esse assunto que quero lhe contar, cara Editora.

Isabel Rose escreveu que “não é raro que os antropólogos que pesquisam religiões sejam participantes ou simpatizantes das religiões que constituem seu objeto de estudo” (ROSE, 2007, p. 333), o meu caso não foi exceção. Contudo, posso dizer que tanto a simpatia pelo espiritismo quanto a escolha pelo objeto de estudo se deram graças a uma figura singular em minha vida: minha mãe, Eliana.

Eliana se encontrou no espiritismo e acabou levando práticas e conhecimentos adquiridos em seu Centro[1] para nossa casa, foi a partir dela que comecei a conhecer melhor a Doutrina e a me identificar com alguns de seus pressupostos. Em meados de 2013 ela conheceu o trabalho de um grupo de espíritas que promovia atendimentos, manipulava e distribuía fitoterápicos, tendo iniciado tratamento com eles; na época eles tinham uma atuação itinerante e se denominavam apenas de “Botica”. Em 2015, esse grupo veio a fundar um instituto espírita, na cidade de São Sebastião, no qual passaram a desenvolver esse trabalho fitoterápico: Instituto Langerton Neves da Cunha (ILANC). Mas eu só viria a conhecer o Instituto em 2016.

Em fevereiro de 2016 eu e minha irmã nos envolvemos em um acidente de carro e, apesar de não termos sofrido nenhuma lesão física grave, nas semanas posteriores ao ocorrido eu passei por um período de isolamento em casa, às vezes me via chorando e comecei a sentir um medo que não sabia explicar do que. Eu não estava emocionalmente bem e minha mãe percebeu isso. Em razão desse meu mal-estar ela sugeriu que eu fosse ao tal Instituto, “tomar um passe e conversar com Joaquina” – Joaquina é a médium[2] responsável pelo atendimento e pela prescrição dos medicamentos fitoterápicos. Como ela já havia relatado ter sentido melhoras com o tratamento que vinha fazendo e como eu realmente não estava bem, achei oportuno dar uma chance. Foi então que, em março de 2016, eu tive meu primeiro contato com o Instituto Langerton.

Era uma quarta-feira e precisei faltar a aula que seria ministrada às dez horas na UnB para poder ir ao Instituto. Eliana foi comigo. Chegamos lá às nove e pouco, entramos por um portão grande de metal e nos

dirigimos à construção no centro do lote; havia entulho no chão – acredito que pela recente inauguração ainda estavam fazendo alguns ajustes – e móveis do lado de fora do salão principal, percebemos que este estava vazio e as pessoas que deveriam estar ali dentro se encontravam atrás da construção, sentadas em cadeiras numa posição circular. Fomos muito bem recebidas, nos convidaram para compor o círculo, se desculparam pela bagunça e disseram que o chão tinha sido encerado e por isso, naquele dia, teríamos que fazer o estudo e o atendimento do lado de fora. Na hora subsequente foram feitas as leituras de alguns livros, seguida de discussões sobre os conteúdos e significados dos textos; encerrada a parte do estudo, houve uma oração e, por fim, iniciaram os atendimentos. Minha mãe falou com alguém que eu queria “passar pelo atendimento”, esperei até chegar minha vez. Quando fui chamada por Joaquina lembro-me de ter chorado mais do que falado, findado o atendimento fui instruída a esperar pelos remédios. Fiz uso dos fitoterápicos por quase três meses e senti melhora: a crise de choros diminuiu, assim como o medo, e eu estava “voltando ao normal”.

Confesso, cara Editora, que fiquei intrigada em saber mais sobre como esses medicamentos eram confeccionados, quem os manipulava, quais plantas medicinais eram utilizadas e onde eram coletadas, não apenas pelo meu interesse por medicina alternativa, mas porque achei diferente uma casa espírita com esse tipo de atividade. Para mim, até então, os tratamentos que a Doutrina dos Espíritos oferecia eram os passes[3] e as desobsessões[4], apenas. Apesar da curiosidade, finalizado o uso dos fitoterápicos, não retornei ao Instituto e a possibilidade de abordar essas questões como tema de pesquisa veio depois.

Ainda no primeiro semestre de 2016, quando cursei a disciplina de Métodos e Técnicas em Antropologia Social (MTAS), ofertada pelo DAN na UnB, logo nas primeiras aulas o professor nos propôs um exercício de delimitação de um objeto de pesquisa, com uma justificativa pela nossa escolha. Como meu interesse pelas plantas medicinais começou cedo e sempre considerei abordar questões referentes a esse universo num possível trabalho acadêmico, essa foi a primeira ideia que passou pela minha cabeça. Mas pesquisar o que? Foi então que me lembrei do Instituto Langerton. Como a minha ida ao ILANC era recente e como algumas questões referentes a ele pulsavam em minha mente, pensei “por que não?”, foi aí que minha pesquisa deu seu primeiro suspiro.

Minha ideia inicial, produto do trabalho final de MTAS, consistia na realização de uma etnografia do/no Instituto Langerton tendo como foco principal – e quase único – investigar a utilização de plantas medicinais, ou seja, a prática da fitoterapia, nesse contexto específico. No primeiro semestre de 2017 quando me matriculei em Seminários de Pesquisa Antropológica – primeira matéria especificamente de orientação na graduação em Ciências Sociais, habilitação em Antropologia –, na medida em que fui amadurecendo e refletindo sobre o que havia me proposto a pesquisar, concomitantemente com as reuniões de orientação, percebemos – orientador e orientanda – que seria interessante ampliar o leque de investigação, tendo em vista que o “objeto” em questão – fitoterapia – se apresentava apenas como uma parte, que estava inserida em um contexto muito maior – o Instituto. Assim sendo, ao finalizar a referida disciplina, o projeto de pesquisa final passou a privilegiar uma

investigação do Instituto Langerton Neves da Cunha, a partir da qual se tornaria possível abarcar essa questão das plantas medicinais; cogitou-se também a possibilidade de tentar desenvolver um resgate biográfico de Langerton Neves da Cunha, figura que dá nome ao instituto.

Contudo – e novamente –, cara Editora, vi meu projeto de pesquisa ser remodelado, dessa vez devido a três fatores, quando da minha inserção em campo. Primeiro em consequência de uma situação vivida em campo, ilustrada no terceiro capítulo da minha monografia, e que acabou me privando de executar o que eu imaginava de início no que se refere à investigação e divulgação de dados a respeito dos fitoterápicos. Segundo pela descoberta de dois trabalhos que abarcam o uso terapêutico que o espiritismo fez durante um bom tempo da homeopatia, o que me permitiu pensar em uma nova abordagem que, de certo modo, manteria o foco no que eu havia inicialmente desenhado. Terceiro, em virtude da percepção da complexidade das relações que se constroem no Instituto e da tomada de consciência de que a reconstrução de uma biografia demandaria tempo e trabalho exclusivos, conclui que não haveria tempo para realizar as duas empreitadas com primazia e decidi abrir mão do resgate biográfico. Assim sendo, reestabeleci meu tema e meus objetivos.

Em meu trabalho “final”, houve um foco maior na parte histórica sobre o espiritismo, no qual se pretendeu um entendimento acerca do percurso e da configuração da Doutrina no Brasil; somado de um estudo etnográfico do Instituto Langerton, cujo enfoque se deu na Botica, parte voltada aos fitoterápicos, mas agora na busca por uma compreensão das relações que se constroem quando de sua atuação. Antes de iniciar o campo recorri

a bibliografias sobre a Doutrina Espírita e sobre a fitoterapia; quando em campo a leitura continuou. No dia 09 agosto de 2017 dei início à minha empreitada, tendo encerrado a coleta de dados no dia 28 de fevereiro de 2018.

Minha pesquisa teve caráter descritivo e exploratório, o método de investigação utilizado foi o da observação participante e eventualmente realizei algumas entrevistas. O uso do diário de campo se deu de maneira particular: em campo, por razões de delimitação e montante de tarefas, eu não tinha tempo para escrever, então após um dia inteiro no Instituto, eu chegava em casa, abria o Word e começava a digitar. Enfim, a pesquisa foi composta basicamente por três momentos: contextualização da doutrina espírita; etnografia do Instituto; enfoque no local e no significado dados ao local onde se manipulam os medicamentos fitoterápicos.

Reforço aqui, cara Editora, que optei por desenhar todo esse percurso visando demonstrar que os processos que permeiam a construção e, principalmente, a execução de uma pesquisa não são lineares. Antes de empreendermos o campo criamos quase que um projeto utópico e torcemos para dar certo, mas esquecemos que é somente a partir do momento em que iniciarmos nossa excursão que saberemos os rumos que nossa empreitada irá tomar. Quando eu aparentava desespero e/ou ansiedade nas reuniões de orientação, meu orientador falava “o campo vai te guiar” e só fui entender a veracidade dessa frase depois.

Favret-Saada (2005) escreveu que quando um etnógrafo aceita ser afetado isso não implica na sua identificação com o ponto de vista nativo, mas em assumir o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Sabe, Editora, durante meu campo me vi sem saber ao certo

o que eu estava fazendo, me senti desmotivada por achar que meu projeto de pesquisa não estava mais de acordo com aquilo a que havia me proposto de início. E, realmente, houve mudanças, mas tudo bem: tudo bem não seguir o planejamento inicial, tudo bem não estar 100% com o formato e os rumos que sua pesquisa tomou. Mas findado o campo e iniciado o processo de escrita, tomei consciência de que muitas das inquietações que haviam surgido foram sanadas. Escrevendo minhas palavras finais, percebi que diversas questões estiveram presentes, mesmo que de forma inconsciente, durante toda a minha incursão em campo.

É normal que nos sintamos perdidas, sozinhas e frustradas com qualquer etapa que perpassa uma pesquisa – ou que dê tudo certo logo de primeira. O que não podemos fazer, cara Editora, é desistir da empreitada. Acredito, no entanto, que temos a solidão minimizada em nosso caso, isso porque por sorte – ou não –, o ofício da antropóloga, da socióloga, da cientista social e de tantas outras profissionais, é participativo. Assim sendo, tal qual Favret-Saada (2005) escreveu, sugiro fazermos da nossa participação um instrumento de conhecimento, nos permitirmos afetar e sermos afetadas, pelos interlocutores, pelo campo, até mesmo por nossas inquietações e inseguranças. Fazendo isso, quem sabe o campo realmente nos guie?!

Enfim, a tentativa aqui foi trazer minha experiência passada para elucidar as referidas questões e reforçar que não há linearidade num processo tão complexo como uma pesquisa. Todavia, tendo lançado mão do passado, não posso deixar de trazer o presente para os “finalmentes” desta carta, Editora. Isto porque, como deve ser de seu conhecimento, estamos enfrentando uma pandemia, sem mencionar as questões políticas e sociais que assolam o

Brasil. No que tange a pandemia, muitas já morreram; a desigualdade social estrutural do nosso país já matou e infectou milhares de brasileiras. Estamos com medo, receosas, ansiosas, saudosas. Não irei me aprofundar sobre essas questões, gostaria apenas de reforçar a importância de respeitarmos nossas limitações neste momento. Falei acima sobre a não linearidade de uma pesquisa, mas nossa produção também não é linear, tal qual nossas emoções e nossa disposição. E está tudo bem!

Na esperança de que esta carta lhe encontre bem e reverbere em outros cantos.

Mariana Alves Simões

Brasília, junho de 2020.

NOTAS

[1] O centro espírita é uma entidade religiosa constituída em torno de atividades doutrinárias tais como reuniões de estudo, sessões mediúnicas, e obras sociais, sem fins lucrativos (GIUMBELLI apud ARAUJO, 2007, p. 4).

[2] No Livro dos Médiuns, Capítulo 14 item 159: “Toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência dos Espíritos, por isso mesmo, é médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por consequência, não é privilégio exclusivo (...). Pode-se, pois, dizer que todo mundo é, mais ou menos, médium. Todavia, usualmente, esta qualificação não se aplica senão àqueles nos quais a faculdade mediúnica está nitidamente caracterizada, e se traduz por efeitos patentes de uma certa intensidade, o que depende, pois, de um organismo mais ou menos sensível. (...) [A mediunidade] não se revela em todos do mesmo modo (...). As principais [manifestações] são: os médiuns de

efeitos físicos, os médiuns sensitivos ou impressionáveis, audientes, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos.” (KARDEC, 2008, p. 135).

[3] No site da Federação Espírita Brasileira o passe é definido como “uma transmissão conjunta, ou mista, de fluidos magnéticos – provenientes do encarnado – e de fluidos espirituais – oriundos dos benfeitores espirituais (...)”. A aplicação do passe tem como finalidade “auxiliar a recuperação de desarmonias físicas e psíquicas, substituindo os fluidos deletérios por fluidos benéficos; equilibrar o funcionamento de células e tecidos lesados; promover a harmonização do funcionamento de estruturas neurológicas que garantem o estado de lucidez mental e intelectual do indivíduo”. (<http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/o-que-e-passe-espirita/>).

[4] No Livro dos Médiuns, Capítulo 23 item 237, a obsessão é definida como: “O império que alguns Espíritos sabem tomar sobre certas pessoas. Ela não ocorre senão pelos Espíritos inferiores que procuram dominar”. (KARDEC, 2008, p. 208). Dessa maneira, a desobsessão apresenta-se como a cura espírita da obsessão, baseada na “conscientização do enfermo e do espírito agressor, posto que o paciente é o agente da própria cura” (ARAUJO, 2007, p. 5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Eveline Stella de. Médicos, médiuns e mediações: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas. Paraná, 2007. 150 páginas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná/UFPR.



FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: Cadernos de Campo. Tradução Paula Siqueira. São Paulo: PPGAS, USP, n. 13, p. 155-161, 2005.

KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns / Allan Kardec; tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 85ª edição, 2008. 352 p.

ROSE, Isabel. Entre colinas verdes: Trabalhos espirituais, plantas e culinária. Reflexões sobre experiências de campo numa comunidade do Santo Daime. In: Alinne Bonetti; Soraya Fleischer. Entre Saias justas e jogos de cintura. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: UNISC/ Editora Mulheres, 2007, pp. 331-354.